

*Discurso na cerimônia de comemoração do  
centenário de nascimento do Presidente  
Juscelino Kubitschek*

**PALÁCIO DA ALVORADA, BRASÍLIA, DF, 12 DE SETEMBRO DE 2002**

*Estimado Governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz; Senhores Ministros de Estado aqui presentes; Parlamentares; Senhora Maria Estela Kubitschek Lopes; Familiares de Juscelino Kubitschek; Amigos das Amigas; enfim, todos que viemos aqui, neste dia, para rever a memória do grande brasileiro que foi Juscelino Kubitschek,*

Nunca é demais prestar tributo a JK. Entre as tantas homenagens que recebe, neste centenário, acabamos de dedicar-lhe, singelamente, uma árvore, de tons verde e amarelo e sombra generosa. A sibipiruna é uma árvore nativa da Mata Atlântica e se adaptou muito bem à paisagem de Brasília, paisagem que foi uma das paixões de Juscelino.

Sua presença na nossa capital é uma presença muito viva, muito vibrante, mas foi também uma presença definitiva na política brasileira. O seu compromisso com a democracia e o seu projeto de desenvolvimento marcaram o Brasil para sempre.

Jamais Juscelino perdeu a fé democrática, apesar de todas as tensões políticas que viveu na época. Tolerância e discernimento foram suas qualidades fundamentais, tolerância e discernimento cada vez mais ne-

cessários aos líderes políticos de nosso tempo, aqui e pelo mundo afora – tempo que convive com o terrorismo e, infelizmente, com novas possibilidades de guerra.

Nesta semana, lá em Manaus, afirmei que a defesa de um ponto de vista não pode chegar a inviabilizar uma marcha em comum. Essa é a essência, a forma de fazer política, é o desafio da política. Eu disse, também, lá em Manaus, nunca ter visto, no calor das palavras, a labareda das armas de fogo aqui, no Brasil. Quando o calor é só das palavras, há sempre a possibilidade de outras palavras que arrefeçam o calor, há sempre formas de diálogo, sempre formas de entendimento.

Ao repetir hoje, aqui, diante desta árvore que simboliza a memória e o pleito de gratidão de todos nós a Juscelino, estou querendo dizer que nada, nada mesmo, substitui o diálogo no exercício democrático do poder.

Dentro de nossas limitações, temos procurado seguir a lição que Juscelino nos deixou. Ele buscava convergências, porque o objetivo maior era o desenvolvimento. Com o plano de metas, abriu um novo sentido de possibilidade para o Brasil que nós nunca havíamos experimentado antes. A partir de Juscelino, passamos a acreditar mais em nós mesmos, na capacidade do Brasil de superar obstáculos.

Por outro lado, a visão do País passou a ser mais complexa, as diferenças regionais se evidenciaram. Ficou claro que as fronteiras do desenvolvimento precisavam ser expandidas.

A Sudene, inspirada por Celso Furtado, acenou com a possibilidade do desenvolvimento do Nordeste. Brasília começou a integrar o Centro-Oeste à economia nacional, e, hoje, Governador, Brasília é marco dessa integração. Quem poderia imaginar, naqueles tempos, que iríamos ver o que estamos vendo nos dias de hoje: Tocantins, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia, toda a região à frente – mesmo em termos de taxa de crescimento – de outras regiões do Brasil. Isso tudo foi fruto da visão de Juscelino.

Brasília foi a obra emblemática de um Brasil que se modernizava com pressa e que precisava, no dizer dele, fazer cinquenta anos em cinco. De certa forma, nós, hoje, também vivemos as nossas urgências.

O avanço da tecnologia acelera o tempo. Quantas vezes já ouvimos dizer que o Brasil não pode perder o trem da História, não pode deixar de dar o salto tecnológico – dizia-se há pouco tempo – que nos levará de vez ao século XXI. Só que o século XXI já começou.

A educação e a pesquisa científicas são as nossas grandes aliadas para darmos esse salto no rumo do futuro.

Mas precisamos continuar a investir também nas áreas-chaves de energia e comunicações – que eram prioridades de Juscelino –, não mais com um Estado intervencionista, mas com um Estado planejador e fiscalizador, que assegure a participação do capital privado em obras de interesse público.

Por tudo isso, podemos afirmar, com segurança, que Juscelino tinha mesmo um grande descortino histórico. Ele soube construir para muito além de seu tempo. E, se voltamos hoje a conviver com o binômio “democracia e desenvolvimento”, é porque os brasileiros souberam manter a sua inspiração.

Avançamos as reformas necessárias ao novo ciclo de crescimento. Não estão completas, é preciso dar continuidade a elas. O processo eleitoral em curso é mais uma prova, também, do vigor da nossa democracia: 115 milhões de pessoas vão votar na tranquilidade, na paz, no diálogo, às vezes com palavras mais candentes, mas sempre, depois, com outras que possam abafar os ímpetos, que são normais, em épocas de campanha.

Desejo que o Presidente eleito, seja ele quem venha a ser, possa reunir em torno do seu programa de governo uma sólida base parlamentar, como eu próprio, inspirado por Juscelino, procurei fazer. Pertencço a uma geração que ainda tem muito presente o que foi o período de Juscelino. Como eu disse outro dia, meu pai era Deputado Federal e pertencia à base de Juscelino. Acompanhei-o, portanto, embora de longe, na academia. Naquela época eu não saía dos muros da academia, mas acompanhei, tenho a memória muito viva dos imensos esforços que fez Juscelino para manter uma base parlamentar que permitisse a ele aquilo que é o importante: assegurar Brasília, assegurar as metas de crescimento e, sobretudo, manter um clima de concórdia no País.

Nunca me esqueço do significado do gesto de Juscelino com o perdão na anistia, anistia àqueles que haviam levantado armas contra ele. A generosidade faz parte daqueles que são capazes de ter descortino na História. Só quem não vê mais longe guarda vingança, sentimentos de reserva frente aos outros e guarda mágoas. As mágoas, às vezes, ficam, mas, aí, ficam bem escondidas, para serem soterradas pela esperança. Foi assim que Juscelino trabalhou. É assim que eu acho que nós precisamos fazer com que, no Brasil, se possa seguir uma trajetória em sintonia com essa tradição política, que é a nossa melhor tradição política – tradição que foi encarnada com perfeição por Juscelino.

Quero dizer, e repetir, aquilo que nós todos sabemos: que Juscelino foi o grande inventor do Brasil moderno, um Brasil que precisa avançar mais, que precisa ter mais justiça social, mas um Brasil que está sendo construído e em que as gerações futuras, tenho certeza, vão continuar honrando a memória de Juscelino e levando adiante a construção deste grande país.

Muito obrigado.